

Avaliação da sensibilidade médica para o risco de gravidez não planeada - Inquérito de Opinião

Vera Ramos (1) , Ana Rodrigues (1) , Sílvia Sousa (2), Paulo Moura (1)

(1) Serviço de Obstetrícia, Maternidade Dr. Daniel de Matos, Hospitais da Universidade de Coimbra, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

(2) Serviço de Obstetrícia, Maternidade Bissaya Barreto, Centro Hospitalar de Coimbra, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

Introdução: De acordo com o 4º Inquérito Nacional de Saúde, publicado em 2009, estimou-se que, entre a população residente com idade compreendida entre os 15 e os 55 anos, 85,1% estava a usar algum método contraceutivo aquando da realização da entrevista, verificando-se, adicionalmente, que a pílula contracetiva foi o método escolhido pela maioria das mulheres (65,5%). Colocando em paralelo o número elevado de utilizadoras de métodos contraceuticos considerados eficazes, e o número de interrupções de gravidez por opção da mulher (19 802), ou por indicação médica (69), dados estes referentes a 2011, verifica-se que a gravidez não planeada é uma realidade, mais se acrescentando que os grupos etários onde a interrupção de gravidez por opção da mulher é mais frequente são sobreponíveis aos grupos mais utilizadores de contraceção. Assim, a gravidez acidental deve-se, entre outros aspetos, ao uso inadequado de contraceção. **Objectivos:** Avaliar a sensibilidade médica para o risco de gravidez não planeada, relacionado com as interações medicamentosas e para o aconselhamento contraceutivo na doença crónica. **Material e Métodos:** Realização de um inquérito de opinião, dirigido a especialistas e internos de especialidades hospitalares, com atividade em consulta externa (n=181). **Resultados:** Dos inquiridos, 58% tinha idade ≤ 35 anos. A média dos anos de prática clínica foi de $10,6 \pm 9,4$ [1-35]. Cerca de 45% afirmam perguntar qual o método contraceutivo em uso, quando introduzem novas terapêuticas, no entanto, 72% consideram não ter formação suficiente para efetuar um aconselhamento contraceutivo efetivo e completo. Quando a gravidez é contraindicada, 80% afirmam fazer aconselhamento contraceutivo concreto ou enviar a consulta de planeamento familiar. Não tiveram ações de atualização sobre contraceção, no último ano, 90% dos médicos, julgando pertinente a sua existência 65%. **Conclusões:** Apesar do atendimento de utentes em idade fértil e introdução de novas terapêuticas a maioria dos inquiridos não aborda de modo sistemático a temática contracetiva, salientando-se neste âmbito a questão relativa às interações medicamentosas e contraceção hormonal oral. Embora a maioria dos médicos desta amostra considere ter informação insuficiente e alegue desconhecimento dos recursos existentes na área da contraceção, muitos são os que efetuam o que consideram ser um “aconselhamento contraceutivo” seguro e detalhado. **Comentário final:** Há ainda um longo caminho a percorrer, com trabalho a ser desenvolvido, junto dos profissionais de saúde no que concerne à informação para o uso correto dos métodos contraceuticos ao dispor e à prevenção de gravidez não planeada em doentes crónicas e polimedicadas.